

## MÁRIO DE ANDRADE: IMPRESSÕES DE LEITURA

VERA QUEIROZ (PUC/RJ)

Um primeiro dado curioso a respeito da recepção à obra de Mário de Andrade é a enorme e variada bibliografia crítica composta de livros (e não apenas ensaios) que ela gerou e gera ainda hoje; outro, é o fato de vários destes livros serem resultantes de projetos acadêmicos, saídos de Teses ou Dissertações universitárias; e um terceiro, curiosíssimo, é o fato de uma das teses mais importantes (e polêmicas) sobre sua obra ter sido escrita justamente por um dos maiores especialistas, no Brasil, em... Oswald<sup>1</sup>.

A análise desses dados permite pensar que Mário se deu um projeto amplo e profundo no campo da cultura (do folclore, da etnografia, da música, da literatura, da crítica, do magistério) e que essa amplitude de interesses leva o estudioso à necessidade de tentar abarcar o mais amplamente possível os '350' Mários que nele existiram (e existem).

Por outro lado, sua personalidade literária vive menos de um projeto fundado na visão do 'instantâneo', do 'flash', da rapidez e do movimento desordenado, e mais da interioridade, da pesquisa, da reflexão, da construção de uma obra que sobrevive aos cíclicos modismos e alimenta o pensamento sobre a cultura e o país, ainda de maneira nova.

A paixão com que Mário se entregou a seu projeto de pensar e atualizar um país digno; a sensibilidade e franqueza com que se expôs e expôs suas próprias contradições e debilidades; a extrema generosidade com que se relacionou com a vida e a vida de seus contemporâneos, de que as cartas são, mais que documentos, signos vivos de paixão e ética, tudo isso compõe um personagem a quem o estudioso deseja colar sua voz, recuperar do esquecimento as lições, posto que os problemas morais enfrentados por ele na vida pública brasileira continuam hoje — agravados — a ser vividos por todo intelectual ou artista que queira pensar o seu tempo e fazê-lo avançar através da arte e da reflexão crítica.

Quando Mário diz, em 1932, "Você perdoe meu ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em qualquer minuto, que é o sentido da minha vida"<sup>2</sup>, ele ecoa, neste fim do século, um motivo que os tempos atuais parecem ter esgarçado: a paixão. Paixão pela vida, pelo outro, pela arte, pelos povos, pelo saber, por causas dignas, pela alegria.

As cartas de Mário, signos concretos de paixão, remetem a outra vertente de seu ser intelectual: a que se liga à noção de **experiência**, conforme a define Benjamin a respeito dos narradores tradicionais (e a tradição também é outro tema caro a Mário). Quando Benjamin escreve a respeito da função utilitária da narrativa que "Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida — de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos", e, mais adiante, "aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada", podemos pensar nas cartas de Mário como um manancial em que sua própria vida é narrada ao outro (que sou eu que leio), em que a experiência de algo vivido é compartilhada, em que o conselho, negado ("Eu neste ponto não aconselho nada porque nisso a gente não se muda por causa de conselhos alheios"), é concretizado através da exposição

factual de sua própria experiência, dinamizadora e im-  
pulsionadora de outras vidas, em jogo de afeto, troca e  
bronca:

Mas um dos desastres que impedem a felicidade, que é naturalidade, de vocês está aí: em casa lendo, redação de jornal, café com amigos sobre tal livro, tal escritor, escrever coisas depois, talvez cinema e depois farra com mulheres. Isso não é vida que se leve! Isso é vício.<sup>5</sup>

Bem mais tarde, já maduro, Mário é capaz de reconhecer em si essa aptidão para a entrega, para a troca, assumindo inteiramente a utilidade da **experiência** do mais velho com relação aos jovens, por quem se sente responsável:

Mas contra o quê posso nada é a convivência dos que, mais moços, menos experientes em arte, carecem de mim, me procuram, e vejo que posso ser útil. Eu sei que a minha mais legítima obra-prima é mesmo essa, jamais publicada, vida de companheiro mais velho e mais experiente, que ajuda e dá confiança nos outros.<sup>6</sup>

À idéia de entrega, presente na relação de Mário com seus contemporâneos e com a vida, liga-se a noção do **sacrifício** e/ou **suicídio**, a que ele vai referir-se algumas vezes em cartas e, de modo mais contundente, no famoso balanço sobre o Movimento Modernista, de 1942. O momento mais crucial dessa "ética do sacrifício" será analisado por Sandroni como aquele, entre 1935 a 1937, em que Mário foi Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo.

A esse respeito, a longa carta escrita a Murilo Miranda, em 11/XI/1936, é um documento preciosíssimo por conter não só a declaração fundamental sobre a importância do DC em sua vida naquele momento, mas por tratar de várias questões relativas à **ética, amizade, política e repressão, comunismo e medo**. É talvez, este, um dos momentos em que Mário mais se expõe e mais se entrega generosamente à justificação de suas atitudes, à explicação de seus movimentos de consciência e de suas ações, cuja crí-

tica ele percebera em seus amigos. Com o nome e o peso intelectual que Mário já tinha, esse gesto só se justificava pelo valor excepcional que ele dava à amizade. Pela importância desse documento, comentaremos dele alguns tópicos, que nos parecem aclarar seu pensamento a respeito daquelas questões.

Embora visceralmente político, no sentido de que política é toda ação do homem sobre o mundo, Mário abominava a militância, o engajamento em partidos ou em seitas (religiosas, inclusive). A propósito da homenagem a Romain Rolland, em número da Revista Acadêmica e para a qual Murilo Miranda pedira um artigo a Mário, este responde negando e justifica:

Vocês vão fazer uma homenagem fugidia, vão ser hipócritas, vão mentir, não falando naquilo que vocês querem falar, no Romain Rolland comunista. E é nisso que eu quereria falar também. E como não posso, me calo.<sup>7</sup>

Não se trata, pois, de entreguismo, ou de omissão, como se pensava então, sem se dizer, mas de compromisso consigo mesmo e de perceber com rara lucidez de homem maduro a eficácia política de suas ações. Mário confessa seu "horror à política", sua "repugnância instintiva pelas formas políticas de ser". Numa época em que o Comunismo era o partido que aglutinava a facção mais contestadora e atuante da intelectualidade contra a crise e a repressão que se agudizava — vivia-se em estado de sítio permanente, Prestes havia sido preso em março de 35, temia-se que Vargas não convocasse eleições para 38, o que efetivamente se concretizou com o Estado Novo e o fechamento do Congresso no ano seguinte — Mário declara:

Eu guardava comigo certas convicções que tornavam absolutamente impossível uma adesão sem reservas à ideologia marxista e conseqüente mergulho no Comunismo. Jamais não tomei compromisso nenhum, e nem principalmente prometi uma possível futura adesão. E isso é tanto mais leal, que sei que o Comunismo há de vir.<sup>8</sup>

Não veio. Mas o que se acredita então que o Comunismo pudesse trazer, continua a ser um projeto hoje, se não de uma utópica sociedade sem classes, ao menos de uma sociedade mais democrática, se é possível a redundância.

Sofrendo na pele os sintomas da patrulha ideológica, que teria vida longa entre nós, Mário pode ser pioneiro na recusa visceral a esse tipo de armadilha a que o intelectual (e o artista) de países como o nosso está sujeito. À adesão militante, ele opta por outro tipo de "suicídio", ao sacrificar sua obra em função do trabalho de gabinete no DC:

E também você sabe, você sabe muito bem, Murilo, o que significou pra mim a minha... adesão ao Departamento de Cultura. Me lembro perfeitamente bem que disse também pra você que encarava isso como um suicídio (os velhos morrerão...) porque não podia agüentar mais ser um escritor sem definição política. O Departamento vinha me tirar do impasse asfixiante, ao mesmo tempo que dava ao escritor suicidado uma continuidade objetiva à sua "arte de ação" pela arte. Ia agir. Me embebedar de ações, de iniciativas, de trabalhos objetivos, de luta pela cultura. [...] Me suicidei sim, porque tinha medo de mim mesmo.<sup>9</sup>

O Departamento de Cultura era, naquele momento, o suicídio mais eficaz na medida que permitia a Mário canalizar para a ação cultural suas inquietações políticas; que podia ter continuidade e consistência os projetos de pesquisa de cultura nacional, a que ele dedicara anos de sua vida e que era um dos princípios norteadores dos modernistas de primeira fase; mas, sobretudo, na medida que dava a Mário a oportunidade de fazer do DC um imenso laboratório onde se disseminava a sua multifacetada personalidade estética, dinamizadora da cultura por excelência.

Paulo Prado faz um depoimento exemplar sobre o papel que o DC representou na vida de Mário e do lugar deste nele:

[Para dirigir o DC] era preciso ser só Departamento de Cultura, tomando-o não como um bico a mais, não como um degrau para arranjos melhor retribuídos, tomando-o como **finalidade** no seu verdadeiro sentido filosófico de causa final. Era preciso apaixonar-se pelo Departamento de Cultura, entregar-se inteiramente a ele, num amor de instinto de perpetuação da espécie cultural, capaz de morrer pelo seu amor, como Mário de Andrade morreu pelo Departamento de Cultura.<sup>10</sup>

A frase final — "como Mário de Andrade morreu pelo Departamento de Cultura" — é retomada mais adiante por Carlos Sandroni, ao observar "que Mário de Andrade nunca mais foi o mesmo depois do DC e que na verdade morreu dos ferimentos causados por sua experiência naquela instituição; que sua vida de 1938 a 1945 não passou, portanto, de uma **sobrevida**, de um **anti-clímax**"<sup>12</sup>. Nesse sentido, Mário teria sido um mártir, teria cumprido seu papel na longa lista de mártires que os regimes autocráticos nos têm legado. Acredito que Mário teria rejeitado com veemência esse papel.

A mim me parece que ele cumpriu o trajeto que seu tempo lhe permitiu cumprir. Que pôde fazer as opções que sua intransigível liberdade lhe ditou. E que nos levou uma obra e um pensamento cujas contradições e iluminação alimentam ainda hoje as aporias em que nos debatemos.

## Notas

<sup>1</sup> Referimo-nos, é claro, ao seu **Morfologia do Macunaíma**. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos, 1973.

<sup>2</sup> In ANDRADE, Mário. **71 cartas de Mário de Andrade**. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d A. p.81. Trata-se, aqui, do depoimento de Mário, emocionado, e respeito de sua participação à época do Movimento Constitucionalista de 32, com suas contradições e sua entrega ao coletivo.

<sup>3</sup> In BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov." **Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.200.

<sup>4</sup> ANDRADE, Mário. (s/d A), p.68.

<sup>5</sup> Idem, ib., p.68-69.

<sup>6</sup> Idem, ib., p.160.

<sup>7</sup> ANDRADE, Mário. **Cartas a Murilo Miranda. 1934-1945.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p.35.

<sup>8</sup> Idem, ib., p.39.

<sup>9</sup> Idem, ib., p.39.

<sup>10</sup> PRADO, Paulo. Citado por SANDRONI, Carlos. **Mário contra Macunaima.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988. p.63.

